

SEMANA RELIGIOSA

BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

Sexta-feira 30 de Agosto de 1878

IV VOL. N.º 171.



BRAGA:

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua Nova n.º 4

1878

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebisado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, o que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidiocese Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de maio de 1875.

João, Arcebispo Primaz.

A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

O seculo actual e a Egreja Catholica.

AO MEU DEDICADO AMIGO

Adelino Augusto da Silva.

Rev.^{mo} Prior da Vacariça.

Em os nossos dias, duas correntes de ideas oppostas atravessam o vastissimo campo da humanidade attribulada e afflicta; duas correntes impetuosas, soberbas, tremendas!

Uma d'ellas é como que o furacão devastador, que assola as montanhas, tala as campinas, derriba as arvorés, abate os edificios, e leva a pobreza, a miseria, a tristeza e o desconforto ao seio das populações angustiadas e afflictas.

A outra, impetuosa, sim, mas tão benefica, que firma e sustenta as velhas e salutareas instituições, beneficia as flores e as hervas do prado, purifica a atmospherá, inutilisa os miasmas pestiferos e as substancias venenosas, que aquella espalha na sua passagem por de sobre a face da terra; consola e alegra os corações dos povos, sorri para elles como o sol da primavéra, e dá alento e conforto ás suas vivas crenças.

Aquella é o raio, que fere; esta o balsamo, que cura; ; uma é o veneno, que mata; a outra o antidoto que salva, e o remedio que avigora e vivifica; aquella é só devastação, ruina e morte; esta é, pelo contrario, força, energia, vida e gloria.

A primeira é soberba no mal, que causa; a segunda é humilde e recatada no bem, que faz; a primeira folga e tripudia com a desgraça da humanidade; a segunda chora sentidas lagrimas, e lamenta com profunda magoa tão inconsolaveis infortunios.

A primeira zomba da virtude; ataca impiamente as mais sagradas instituições; propaga doutrinas dissolventes e deleterias; ri com cynismo de quanto ha mais puro e mais santo; propina aos povos violentissimos venenos nos seus discursos e escriptos, adrede publicados para nos perder e deschristianisar; e, finalmente, cava fundo abysmo, onde pretende sepultar a sociedade actual.

A segunda contramina as obras satanicas da primeira, préga as doutrinas salutarissimas de Jesus Christo; firma em bases seguras as monarchias e as republicas; estabelece, sustenta e avigora os governos; defende a moralidade e a justiça; ensina a paciencia e o soffrimento, a cordura e a resignação; exalça e engrandece a virtude; deprime e condemna o vicio; e resiste efficazmente, com o antidoto das verdades eternas e venerandas da augusta religião de Christo, ao veneno, que a cada momento aquella corrente pernicioso e deleteria offerece aos povos, incautos e de boa fé.

A primeira é, finalmente, a *eschola impia do seculo actual.*

A segunda é a *Egreja Catholica*, que tem em seu abono desenove

seculos não só de luctas heroicas e pertinazes, mas principalmente de gloriosas e assignaladas victorias.

Em campos contrarios, diametralmente oppostos, combatem e se digladiam as duas. A *eschola impia*, sempre impotente, sempre vulneravel e sempre batida pelos heroicos esforços da piedade christã, vae perdendo terreno pouco a pouco, porque são muito frageis as suas armas, os seus principios são contraditorios e repugnantes, as suas doutrinas perniciosas e insustentaveis, e a perversidade dos seus intuitos é conhecida de todos.

Mas a *Egreja Catholica*, — a defensora perpetua da piedosissima doutrina do Crucificado, a desvelada protectora das almas fieis, que se libram nas azas candidas e puras da sua fé inabalavel e caminham na vereda espinhosissima de seus deveres religiosos, — essa sempre triumphante, sempre victoriosa, sempre impavida no meio dos combates do erro e da heresia, tem derribado a soberba e o orgulho da *razão*, adorada como *deusa* por meia duzia de incredulos; tem, como sentinella vigilante de Israel nos arraiaes da christandade, pertinazmente atacada pelos inimigos da verdade pura e da justiça indeclinavel, desfeito os enredados tramas do seculo, resistido aos golpes traiçoeiros dos seus infelizes inimigos, e vencido os esforços das paixões cegas de seus filhos ingratos, que, desvairados, lhe offerecem em *taça dourada* só tristes amarguras e incomportaveis soffrimentos!

D'aqui poderá já concluir logicamente um espirito imparcial e despedido de cegas e mundanas paixões, a qual das duas *correntes* o homem deve prestar auxilio, e unir-se para, em santa cruzada contra a impiedade, que campeia infrene e delicante n'estes tempos calamitosos, que vão decorrendo, atacar valorosamente e combater com denodo os tão loucos como infelizes adversarios da suprema verdade e do summo bem, — *unicos factores*, que podem dar um preciosissimo *producto*, que é a nossa felicidade na terra e a bemaventurança na vida eterna!

Ponderando com circumspecção o que fica exposto, qualquer homem, de profundas convicções religiosas e de um espirito desapaixonado e independente de *seitas* e *tojas*, que tão fatal influencia exercem na sociedade actual, não deixará certamente de alistar-se sob o estandarte glorioso da cruz, que ha desenove seculos foi arvorada no Golgotha, para condemnar os erros e as heresias, derribar o orgulho da falsa philosophia, prégar as verdades sublimes de uma *moral* purissima, que Jesus havia ensinado por uma forma tão admiravel, e por ella soffrido as mais lancinantes dores, as mais protervas affrontas, os mais insoffríveis acoites, as mais insolentes vaias, e, por ultimo, a mais ignominiosa das mortes!!

As ideas infames e damnadas, que por ahi se espalham, essas seementes amaldiçoadas, que a *eschola impia* do seculo actual arremessa ao centro das populações, valendo-se da imprensa, da palavra e de mil outros meios ao seu alcance, não ficarão por certo sem produzir amargo e venenoso *fructo*!

Tão nefandos ensinamentos da *eschola impia*, que ahi se alardeia de *salvadora* no meio das christandades afflictas, terão perigosissimas consequencias, terriveis resultados, sanguinarias pelejas, e talvez uma suble-

vação geral dos povos, a quem aquella escola em sua perfida doutrinação préga a desobediencia á auctoridade e á lei, os quaes, pegando em armas, cortarão muitas existencias, manchandoas mãos talvez no proprio sangue de seus paes, irmãos ou esposas!

E com effeito o seculo actual corre desvairado na estrada da perdição da sociedade, prégando aos povos ideas subversivas, immoraes e sanguinarias; excitando as paixões desenfreadas e os instinctos ferozes da plebe amotinada; sacudindo o jugo da auctoridade; chamando á revolta e ao combate as pobres e simples populações dos campos; armando-as e impellindo-as a correr para o abysmo, que lhes preparou com flôres de discursos revolucionarios.

E as escolas impias d'este seculo de trevas perseguem e combatem deslealmente a Igreja Catholica; e a cada verdade incontrastavel, que esta ensina, oppõem aquellas uma *mentira* irrisoria; a cada regra salutar dos costumes, uma *immoralidade* grossêira; e ás lagrimas amarissimas que esta Mãe desvelada e affectuosa derrama, lamentando a sorte deditosa de seus filhos ingratos, oppõem uma cascilhada irreverente e cynica; e é por esta maneira que o seculo actual quer *progredir, avançar, caminhar* para . . . a desordem, para a guerra civil, para o fratricidio, n'uma palavra!

Desacata-se a Igreja Catholica, porque são *importunos* os seus clamores; contrarios aos fins satavicos das seitas os seus salutarissimos principios; prejudiciaes aos seus damnados intentos a sua moral sauta e a sua celestial doutrina!

A Igreja, porém sempre impavida e intemerata ante tão singular combate, não transige com o erro, não se curva a impias ameaças, não trepida ante as ironias, os apódos e as torpes insidias, que o seculo lhe arma!—não! porque a Igreja Catholica é—a verdade indefectivel, é uma instituição divina, é, deixem-nos assim dizer, um terrivel recife, contra o qual vem quebrar-se e desfazer-se as ondas tumultuosas da impiedade e da irreligião!

As promessas divinas têm-se cumprido no decorrer de desenove longos seculos, e jámais deixarão de realizar-se!

As velhas monarchias têm passado, e a Igreja ficou; as heroicas e tradicionaes dynastias, que as governaram, têm-se sucedido umas ás outras, e a Igreja ficou; os homens mais notaveis pelo seu poderio e os mais esforçados campeões contra a Representante de Deus na terra morreram, e a Igreja ficou; *Rousseau, d'Alembert, Voltaire* e outros muitos impios passaram, e a Igreja ficou! e continuará a subsistir até á consummação dos tempos!

Os ataques, que lhe têm movido os seculos, que ella tem de existencia, contam-se pelo numero de victorias, que a Igreja tem alcançado sobre elles; as tenebrosas heresias, que se suscitaram contra as verdades por Ella ensinadas, avaliam-se pela maior refulgencia e pelo mais deslumbrante brilho d'essas verdades controvertidas;—por forma que a historia da Igreja é a historia insigne e esplendida das suas victorias assignaladas, dos feitos gloriosos da missão divina *d'aquella*, que Deus fundou para continuar a redempção da humanidade.

E, confiados na infinita misericordia de Deus, esperamos que a Igre-

ja vencerá mais esta vez os seus infelizes inimigos, trazendo-os arrependidos e resipiscentes ao seu santo gremio, os quaes não deixarão de condemnar os seus desvarios e os seus loucos desatinos, convertendo-se em fervorosos e dedicados apóstolos da summa verdade e do summo bem!

Praza a Deus, que os profundos males sociaes, causados por estes infelizes, não venham perturbar ainda mais os tempos calamitosos e desgraçados, que vão correndo para a Egreja! praza a Deus, que o rocio vivificante e salutarissimo da sua regeneradora e divina graça faça, d'estes tenazes e atrozes perseguidores dos christãos, famosos *Saulos*, que, á maneira do Apostolo das gentes, convertidos em heroicos e dedicados missionarios, prégnem a verdadeira doutrina do christianismo aos povos, tão açoutados já pelas rajadas impetuosas da descrença e da impiedade! Deus o queira!

Braga 23 d'Agosto de 1878.

E. A.

A Egreja e o Estado.

CONFERENCIA PRÉGADA EM MARSELHA, NA EGREJA PAROCHIAL DE S. JOSÉ, A 11 D'ABRIL DO CORRENTE ANNO, PELO R. P. VICENTE DE PASCAL, DOS IRMÃOS PRÉGADORES.

II

O liberalismo moderado regeita com horror este systema d'injustiça e de violencia; o seu voto,—eu deveria dizer, o seu sonho—é a separação da Egreja e do Estado. Não será de todo inutil uma observação preliminar. Certos homens cobrem com estas grandes palavras intuitos que ainda não se atrevem a confessar em voz alta. No fundo o seu pensamento equivale ao seguinte: «Pela decima ou pela vigesima vez nos apossaremos dos vossos bens, no vosso interesse bem entendido, e para maior proveito do fisco engoiado; fechar-vos-hemos á chave nas vossas sachristias e egrejas; bispos, vós fazei á vossa vontade as pastoraes de Quaresma; padres, vós prégareis o respeito da propriedade e das regalias d'outrem; e a submissão ás leis; se entre vós ha alguem tão ousado que se atreva a querer reunir-se em commum a fim de orar, de trabalhar, de servir a Deus e ao proximo, nós o mandaremos para além das fronteiras; arredar-vos-hemos cuidadosamente do ensino publico, visto que sois incapazes de ministrades uma educação verdadeiramente nacional; se o direito commum encerra disposições que vos sejam favoraveis, enterral-as-hemos, e em compensação vos applicaremos com cuidado os decretos dos parlamentos, os edictos dos reis absolutos, e as medidas policiaes do antigo regimen. E agora vivei, sêde livres, e abençoae Augusto pelas doces regalias que vos faz». Não são estes, senhores, traduzidos sob uma fórma um pouco brutal, os projectos querinos de muitos? Vamos, sêde francos, dae ás cousas o seu verdadeiro dome, e dizei sem ambages o que quereis. E' claro, senhores, que estes

homens constituem uma simples variedade na grande raça dos despotas.

Inutil será pois voltar ao que acabo de dizer.

Mas ha espiritos honestos que entendem d'um modo inteiramente diverso a separação da Igreja e do Estado. Para elles, a Igreja e o Estado caminham em duas sendas parallelas; ao Estado pertencem os negocios temporaes, á Igreja os negocios espirituaes; cada um é livre na sua esphera;—d'ahi a fórmula: *A Igreja livre no Estado livre*. Sociedade espiritual, a Igreja move-se. como o entende, no dominio da consciencia individual; no que concerne aos direitos publicos—é este o ponto delicado—exerce-os sob a garantia da liberdade commum, que o Estado aliás deve alargar mais e mais em proveito de todos, sob condição todavia de que não seja perturbada a paz publica, e sejam respeitadas os principios fundamentaes da ordem natural e social. Tal é, nos seus traços principaes, quanto se pode alcançal-os, este systema de phisionomia mobil, de matizes multiplas, que, em nossos dias, tantas almas generosas tem fascinado.

Eu não tenho tempo de refutar esta doutrina em todos os seus detalhes e em todas as suas fórmulas: é necessario ir-lhe direito ao coração. Ah! o coração, é este principio: o Estado pode fazer abstracção da religião sobrenatural, e estabelecer, segundo os dados da pura razão, a sua constituição e o seu systema legislativo; tendo elle, em virtude da sua natureza, não só o seu fim proprio mas todos os meios sufficientes para o attingir, não faz senão usar d'um direito e cumprir a justiça, collocando-se fóra do christianismo, e regulando, segundo os dictames do espirito natural, toda a economia das cousas humanas.

Ora, senhores, este principio é absolutamente falso: falso, porque não tem em conta alguma o pensamento e a vontade positiva de Deus; falso, porque faz violencia á natureza das cousas, desprezando os deveres essenciaes e a função propria do Estado.

Quando Jesus Christo envia os seus apóstolos pelo mundo a ensinar o Evangelho, não é a simples individuos que os envia, mas ás nações: *E untes, docete omnes gentes*; as nações que lhe tinham sido promettidas em herança: *Et dabo tibi gentes haereditatem tuam* (1), as «familias dos povos» como as denomina a Escripura, *familiæ gentium*, que Deus chama a seu tempo, cujas fronteiras Elle traça, e ás quaes assigna em papel determinado e uma vocação especial, os textos mais precisos das santas Lettras nol-as mostram sujeitas aos preceitos soberanos da lei sobrenatural. (2)

O simples bom senso, além d'isso, nos ensina que o homem colectivo, mais que o homem individual, não pode legitidamente collocar-se fóra da revelação christã; e póde conceber se que Deus, que impõe ás existencias privadas a regra superior da religião, tenha por licita a *secularisação*, isto é a apostasia legal d'essas grandes existencias publicas que representam na scena da historia um personagem tão importante? A propria natureza das cousas protesta contra semelhante hypothese. O Estado, senhores, já o dissemos, não é a fonte de todos os direitos, e o

(1) Is., II, 8.

(2) Ps. XXI, 30; XCV, 7, 7s, LX.

Syllabus, este *Syllabus* tão ultrajado, tão calumniado e tão ignorado por aquelles mesmos que o agitam como um espantalho aos olhos dos povos, o *Syllabus*, condemnando a proposição que attribuia ao Estado um dominio sem limites, defendeu a causa da verdadeira liberdade (3). Proeger direitos que não são da sua criação, que derivam da essencia das cousas ou da vontade manifesta de Deus, direitos do individuo, da familia, da Igreja, cobril-os com a magestade das suas leis, com a auctoridade da sua justiça, com a força da sua espada, assegurar o pleno desenvolvimento, facilitar o livre exercicio,—tal é o primeiro dever do Estado. Elle não é um fim, é um meio. Os homens não se reuniram em sociedade para que os seus direitos individuaes, domesticos, religiosos, sejam postos a saque e absorvidos n'um direito de fabricação puramente humana. O titulo de cidadão não pode aspar os titulos primeiros e superiores de homem, de pae, de christão. S. Paulo definiu o papel do Estado, em termos que são a expressão de absoluta verdade. «Eu peço, diz elle, que se ore pelos reis e por todos aquelles que estão n'uma posição elevada, afim de que em virtude e piedade possamos viver uma vida tranquilla;» *Ut quietam et tranquillam vitam agamus in omni pietate et castitate* (4). E S. Thomaz diz, com esse claro bom senso que é o caracteristico do seu genio: «A vida virtuosa é o fim de toda a sociedade humana»; *Virtuosa vita est congregationis humanae finis*. E dá como razão «que é necessario uniformar juizo sobre o fim da multidão, e do individuo». *Idem judicium oportet esse de fine totius multitudinis et unius*. (5)

Procurar pelo seu poder a paz temporal coordenada ao bem supremo do homem, eis o fim do Estado; ser para o individuo uma ajuda e um soccorro para cumprir o seu destino, eis o seu papel. Compreheideis agora que seja possivel organizar a causa publica, sem fazer caso da Igreja e dos fins superiores da humanidade? Com bom direito Gregorio XVI e Pio IX (6) recordaram ás potencias de nossos dias estas palavras que S. Leão Magno escrevia ao imperador Leão: Vós não deveis já-mais perder de vista que o poder real vos foi confiado não sómente para o governo d'este mundo, mas sobretudo para a protecção da Igreja.—*Debes incunctanter advertere regiam protestatem tibi non solum ad mundi regimen, sed maxime ad Ecclesiae praesidium esse collatam* (7). E Gregorio XVI accrescentava na celebre Encyclica *Mirari vos*: Que os principes se persuadam que a causa da religião deve ser-lhes mais cara do que a do throno, e que o mais importante para elles, podemos dizello com o papa S. Leão, é «que a corôa da Fé seja pela mão de Deus ajuntada ao seu diadema»—*Si ipsorum diademati de manu Domini, etiam fidei addatur corona*. Collocados como pacs e tutores dos povos, procurar-lhes-hão uma paz e uma tranquillidade verdadeiras, constantes e

(3) *Syllabus*, prop. 39.

(4) Tim. I, 22.

(5) *De Regimine Principum*, livr. I, cap. XIV.

(6) Encyclica de Gregorio XVI *Mirari vos*.—Encyclica de Pio IX

Quanta cura.

(7) S. Leão, Epist. CLVI, 125.

prosperas, ponham todos os seus cuidados em manter intactas a religião e a piedade para com Deus—Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Para destruir esta argumentação, senhores, é necessario affirmar: ou que o homem não tem alma e que foi collocado sobre a terra para se enriquecer e engordar; ou que o Estado é um fim absoluto, não um meio, um socorro,—que elle é tudo e que o individuo não é senão o servo, a cousa n'esta personalidade gigantesca; ou finalmente que a Egreja não recebeu do alto o encargo de todas as almas redimidas por Jesus Christo. Escolhei.

Demais, e eu dou-me pressa em acrescentar aqui, a fim de prevenir a objecção que vejo pular em vossos labios: que n'uma sociedade desordenada pelas revoluções, onde a unidade religiosa tenha sido infelizmente quebrantada, onde dissidencias inveteradas estão profundamente enraizadas nos factos, onde se dissolvera a harmonia das intelligencias; o poder civil, com receio d'um mal maior e no interesse da paz publica, concede ao erro, n'uma medida mais ou menos lata de que a auctoridade espiritual fica juiz, não direi um direito fundamental que já-mais pode pertencer á mentira, mas a tolerancia e uma certa indifferença, o que o proprio S. Thomaz ensina (8), é o que a Egreja, tão cheia de attenção pelos tempos e de cuidados pelos espiritos, sabendo alliar em proporções tão justas a firmeza nos principios e a condescendencia nas applicações, admite e pratica. Que mesmo a Egreja, a uma protecção imperiosa que não seria senão uma oppressão mascarada prefira um estado de coisas onde o poder temporal, postoque heterodoxo, como na Inglaterra e nos Estados-Unidos a admite aos beneficios do direito commum, e a deixe cumprir em paz a sua missão divina sob garantia d'instituições verdadeiramente livres; eis o que é incontestavel. Mas d'ahi a considerar esta situação como a situação normal, como o typo ao qual é necessario conduzir toda sociedade, vae um abysmo, e este abysmo nós não o queremos ultrapassar; já-mais consentiremos—ainda que fosse para conquistar o favor e os sorrisos dos distribuidores de popularidade—em renegar o passado da Egreja, em violar os seus ensinamentos mais authenticos, em distribuir gratuitamente principios os mais certos e os direitos de Deus e da verdade.

Portanto, esta separação tão preconizada da Egreja e do Estado, falsa no seu principio, é praticamente impossivel, se a queremos levar até ás ultimas consequencias. Que! vós viveis sob o mesmo tecto, assentaes-vos ao mesmo lar, governaes-vos, geris-vos em ordens—diferentes, concedo-o, mais não oppostas—, tendes os mesmos intuitos e interesses, e dizeis ingenuamente que cada um seguireis pelo seu caminho, sem vos conhecerdes nem fallardes! E' isto serio? Tudo vos une, e vós quereis que a separação seja a propria lei da vossa existencia! Não advertireis que se vós, por exemplo, Estado, desconheceis a Egreja, em nenhuma conta tendes as suas leis, e se em nenhuma conta as tendes, extaes expostos a todo instante a violal-as, e desde esse momento, em que consiste a vossa separação platónica? Ah! eu receio muito que esta maxima *a Egreja livre no Estado livre*, saída de labios eloquentes

(8) 2a. q. X, art. 11.

n'um momento de febre oratoria, não encubra laços perigosos e seja fecunda em decepções; e estou bem persuadido que, para desilludir seus catholicos e cavalheirescos auctores, bastaria ver o bello uso que d'ella teem feito, como pessoas habeis que são, os filhotes de Machiavel. Que se objecta ainda? Far-se-ha um longo cathalogo dos males que a Igreja teve a soffrer da parte dos principes que se faziam seus protectores. Mas que prova este logar-commum? Uma só coisa,—que o homem é sempre o homem, e que por toda a parte elle procura corromper a obra de Deus. Tambem os partidarios do divorcio se estendem melancolicamente em prosa e verso sobre as tristezas, as dôres e os desesperos que nascem d'um grande numero de casamentos.

E' necessario porisso declarar que a separação constitue a lei primeira da união conjugal? Demais, eu farei notar, com um eminente philosopho do nosso tempo, que esta objecção pecca por varios lados. Pecca por enumeração incompleta; ella não olha, com effeito, senão ao mal, e não attende ao bem. Se por vezes a protecção dos principes degenerou em oppressão, muitas vezes tambem ella erra uma ajuda e um apoio para a Igreja. Pecca por falta de comparação. Seria preciso pezar os males, que os principes causavam á Igreja, e os que os liberaes modernos estão em caminho de lhe fazer soffrer: para que lado penderia a balança? Emfim o argumento pecca por falsa consequencia. Effectivamente, porque se introduziram abusos n'um systema bom em si e querido de Deus, segue-se que se deve fazer tudo para obviar a esses abusos, mas nunca que se deva regeital o, para abraçar um systema contrario ao plano divino (9).

Mas o vosso programma é irrealisavel. Senhores, nós dizemos cada dia esta oração que do proprio Deus aprendemos: *Adveniat regnum tuum*, venha a nós o teu reino. Será porque o reino de Deus ha-de algum dia realisar-se plenamente sobre a terra? Não, com certeza. Cumpre porisso riscar estas palavras do Padre-Nosso? O ideal da sociedade christá, jámais se encarnará plenamente nos factos: seja; mas nós devemos ten-ter a este fim, e quanto mais, accrescentarei, as circumstancias nos obrigam a ser condescendentes nas applicações e a manobrar no meio dos recifes, tanto mais cuidadosamente devemos ter os nossos olhares fixos na bussula dos principios.

(Continua).

Chronica das sciencias geographicas.

Africa:—Viagem de M. Soleillet—ilha da Reunião, cyclone de 15 de Janeiro de 1878—Madagascar; cultura da cana do assucar—*America do Sul*: novas minas de carvão de pedra no Peru—*America do Norte*: população de S. Francisco:—*Europa*: Suecia; gravura dos rochedos de Bohuslan.

—Resumo da viagem do P. Horner, no Oukami (continuação e fim); governo, custumes, usos, artes e officios dos Vakamis. Conclusões scien-

(9) Vid. o livro *l'Eglise e l'Etat*, pelo R. P. Liberatore, p. 17 e 18.

tíficas : geographia ; montanhas, o rio Kingani e seus afluentes ; fauna, flora e linguas—Bibliographia, geographica

Africa.

M. Paulo Soleillet.—Um viajante já conhecido vae tentar abrir uma nova estrada atravez os desertos d’Africa—M. Paulo de Soleillet. Nascido em Nimes em 1842, filho d’um alto funcionario de finanças, descendente d’uma das familias mais antigas de Marselha, M. Soleillet deu-se ao fim de abrir ao commercio francez a estrada d’Alger a Tomboucton, e d’aqui a S. Luiz, capital da nossa colonia do Senegal.

Elle escolheu, pois, a Africa septentrional, o Soudan e o Sahará para theatro das suas explorações. Afim de se pôr em estado de fazer uma viagem util, M. Soleillet preparou-se cerca de doze a treze annos para esta grande exploração, já pelo estudo profundo das narrações dos viajantes, que se aventuraram n’aquella parte do mundo, já por viagens menos importantes. Assim de 1865 a 1870 visitou a Algeria, Marrocos, Tunis etc ; iniciou-se alli na lingua arabe e na aspera vida do deserto, que se não pode transitar sem perigo, quando d’antemão se não está preparado.

Em 1870 voltou a França a tomar parte na deffeza do seu paiz, e apoz a guerra, tornou a partir para o paiz das suas predileções.

Algumas associações de commercio de França e a d’Alger nomearam-n’o seu delegado e confiaram-lhe uma missão commercial no interior do Sahará, na via de Tombouctou ; mas elle não devia ir além do oasis d’Inçalah, sempre firme aos Europeus e que ainda não tinha sido visitado senão por M. Duveyrier.

No fim do anno de 1873 parte para este ponto, e tem a ventura de entrar n’elle a 5 de Março de 1874.

Inçalah faz parte d’uma serie d’oasis que se estendem durante 100 leguas, de norte a sul, atravez o Sahará, e que pertencem ao paiz conhecido com o nome de Touat. E’ o caminho natural do littoral mediterraneo em Soudan, e o *rendez-vous* de todas as caravanas que, de Marrocos, d’Algeria, Tunis e Tripolitania vão a Tombouctou. E’ alli que se reúnem ou se cruzam. Sob o ponto de vista politico e commercial Inçalah é d’uma importancia de primeira ordem.

O seu possuidor é o chefe de todo o commercio do Soudan.

Ha alguns annos a esta parte que os Touaregs de Touas presentindo que a França bem inspirada devia necessariamente apoderar-se do seu paiz, procuraram tornar inuteis todas as nossas expedições, para este lado. Reconheceram nominalmente a suzerania do sultão de Marrocos, que, graças á protecção d’Inglaterra lhes assegurou os seus Estados em toda a integridade. Por consequencia M. Soleillet não tendo passaporte de S. M. marroquina, viu recusarem-lhe a permanencia em Inçalah. Viu-se enganado, abandonado e trahido pelos seus guias, assim como por todos aquelles com quem julgou dever contar. Pouco faltou para que pagasse com a sua vida a audacia que tinha levado a ponto de se aproximar dos muros d’Inçalah.

No entretanto á força de prudencia e de sangue frio, conseguiu

voltar a Algeria e d'aqui a França. Foi muito mal recebido por aquelles que deviam ter-lhe estendido a mão e teve muita difficuldade em fazer ouvir os resultados da sua viagem. O ciume, a inveja e a calumnia e ainda certos interesses, fecharam-lhe por algum tempo o caminho do Sahará. Depois não se pensava senão em M. Largean!

M. Soleillet não desanimou; casou-se e, com quanto chefe de familia não perdeu de vista nem do pensamento o seu projecto. Foi a Bruxellas aonde recebeu animações do rei dos Belgas, presidente da sociedade africana; de volta a Paris tornou a ver pessoas de que sempre recebera bom acolhimento.

Acabava então de se fórmar a *Sociedade dos estudos marítimos e coloniaes*, e o projecto de M. Soleillet, d'abrir um caminho entre a Algeria e o Senegal, foi alli apoiado, como se entrasse nas vistas da sociedade, que tem por fim o melhoramento da situação colonial e marítima de França. Elle encontrou entre os membros d'aquella instituição preciaadores serios que lhe votaram a primeira subvenção de 1500 francos.

Por outro lado M. Soleillet obtinha do ministerio d'Instrucção publica a promessa d'um soccorro de dois mil francos.

Fortalecido com o apoio da *Sociedade dos estudos marítimos e coloniaes*, com o do almirante Thomasset, seu presidente, e com o de outros membros influentes que a compõem, M. Soleillet acaba de partir novamente para a Africa; d'esta vez porein; muda o seu itinerario. Em logar de tomar a Algeria por base d'operações, vae ao Senegal. A via de S. Luiz a Tombouctou é mais facil que a do Sahará, e a passagem do deserto entra Soudan e a Algeria é menos perigosa.

A esta hora M. Soleillet chegou ao Senegal e deve ter tido um excellente acolhimento, graças ás recommendações que o tem precedido, na nossa colonia. Além d'utilisar o seu tempo e aproveitar a estação faz uma primeira viagem de preparo que lhe deve ser muitissimo proveitosa.

N'esta occasião explora primeiro o Cayor, o Baol, o Sin e o Sallaoum; d'aqui dirigir-se-ha a Pisania, na Gambia, atravessará o Bondou, estado *peul* ou mussulmano, que contem cerca de 100:000 habitantes, visitará Kouta, Kounda, Medina, Kolar e Tama-Kounda, para seguir até Senondebou, no Bambouk.

O Bambouk é um estado negro que ainda não abraçou o islamismo; são de raça mandinga os seus habitantes, e praticam o fetichismo dos outros negros. Passará alli o mez de Maio indo para Medina, cidade situada nas margens do Senegal, e que não deve confundir-se com a cidade do mesmo nome, de que fallamos atraz. D'alli descerá o rio e volverá a S. Luiz, onde passará os seis mezes da estação hibernoza, isto é de Junho a Novembro.

Então M. Soleilletprehenderá a grande viagem; partirá para Tombouctou, onde conta permanecer seis mezes. N'esta cidade atará relações que lhe permittirão juntar-se a uma das caravanas do norte e voltará com ella atravez o deserto, o oasis do Touat e Inçalah, d'onde entrará em França atravessando a Algeria.

Esta viagem é de summo interesse para a França; se M. Soleillet

ror feliz, pode abrir ao nosso commercio novas embocaduras nos mercados do Soudan occidental, que, desde muito tempo são explorados pelos corredores d'Allemanha e Inglaterra.

Estabelecidos em Tripoli, em Tunis e Tanger, os allemães e os inglezes tem tido a habilidade de se fazerem com as caravanas do interior. Por seu intermedio mandam as mercadorias até Tombouctou, em quanto que a França, que está estabelecida em Alger ha perto de meio seculo, e cuja influencia domina desde Alger até El-Boleah, ainda não poudé fazer acceitar o seu commercio no deserto de Sahará!

Nós devemos ser o intermediario entre M. Soleillet, que patrocinamos com a *Sociedade d'estudos maritimos e commerciaes*; seguiohemos passo a passo e porémos os leitores ao facto da sua viagem.

(Continúa).

NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS

A Commissão do Monumento do Sameiro reconhecendo quanto é urgente o concluir-se a construcção das paredes da nova capella que se está edificando no cimo do monte, e que ha de receber a Sagrada Imagem da Virgem Immaculada, que temos entre nós, appella confiadamente para a devoção de todos os fieis, e ousa lembrar-lhes esta palpavel necessidade, a que de prompto devemos acudir.

O secretario--Padre José Silverio da Silva.

—*—

Os sabios admiram, na bibliotheca de Lyão, uma esphera construida, ha duzentos annos, por dous Capuchinhos de Lyão, e onde estão marcadas as pretendidas descobertas contemporaneas da Africa central.

—*—

Diz um periodico, saber de mui boa origem, que o Tribunal supremo ecclesiastico que fôra criado na Prussia em seguida ás novas leis ecclesiasticas, vae ser abolido, e que a chancellaria retirará á seita reinkeinsina o reconhecimento official sob o pretexto que ella se poz fôra da egreja pela abolição do celibato.

Parece que o principe de Bismark vê que só na protecção do catholicismo encontrará remedio para os males sociaes, que affligem a Allemanha.

Com muita satisfação annunciâmos o apparecimento do primeiro n.^o do *Ecclesiasterium*, jornal litterario luso-brazileiro, de que é redactor principal o illustrado e indefesso sacerdote, padre Luiz Bernardino de Carvalho Pacheco, redactor tambem das excellentes *Leituras Populares*.

Abre este n.^o com o retrato photographico de S. S. Leão XIII. e contém o seguinte: *Ecclesiasterium*, por Luiz Bernardino de Carvalho Pacheco; *15 d'agosto*, pelo dr. Garcia Diniz; *O Papa Leão XIII*, por Luiz Pacheco; *Autobiographia* de S. Santidade Leão XIII—original latino de S. Santidade, e traducção de J. B. Rossa; *A rainha Estefania*, magnifico artigo de F. G. Fonseca; *Sepultura de Fr. Luiz de Sousa*, um conto moral, traduzido da laureada escriptora castelhana D. Angela Grassi, por C. de Chaby.

Esta publicação é, por todos os titulos, excellente e digna da coadjuvação de todas as pessoas honestas.

—*—

O snr. Nuncio apostolico em Madrid dirigiu á juventude catholica da Catalunha a seguinte carta, exhortando-a a organizar-se em peregrinação a Roma:

Approvo de todo o coração o manifesto da juventude catholica, que ha dias li nos jornaes, dirigido a todos os hespanhoes ácerca de uma nova peregrinação a Roma. A nação, que por autonomasia tem o nome de catholica, e cuja dedicação á santa Sé todo o mundo conhece, não deve ficar atraz d'outros povos, que muitas vezes vão em romaria á cidade eterna, a fim de testemunhar sua veneração para com o Augusto Chefe da Egreja, e consolal-o no meio de tantas tribulações.

Por tanto, em resposta á vossa carta, eu não posso dispensar-me de animar os jovens a fazer quanto lhes seja possivel, para que a peregrinação projectada seja digna da nação, que vão representar. Oxalá que exceda á peregrinação de 1876, que em relação ao numero, como á qualidade das pessoas distinctas, que n'ella tomaram parte, não só representou dignamente a nação hespanhola, mas pareceu a mesma, nação correndo a prostrar-se aos pés do Vigario de Jesus Christo.

Entretanto a iniciativa tendo sido tomada pela juventude catholica, que tão notavel se tem tornado pelo amor para com a religião da sua patria, e para com o digno representante de Deus na terra, não duvido um momento, que o santo entusiasmo lavrará por todas as provincias de Hespanha, e que n'ella ecoará o grito que levantou o Manifesto: *A Roma, a Roma.*

Aproveito esta occasião para felicitar os jovens catholicos, como tambem a vós, e para me declarar vosso afeiçoado

✠ Santiago.

Bispo de Ancyra, Nuncio Apostolico.

BIBLIOGRAPHIA

Está felizmente terminada a traducção e impressão da *Apologia do Christianismo*, obra immortal do sabio allemão dr. Francisco Hettinger, professor de theologia na universidade de Wurzburg.

A imprensa catholica de Portugal e do Brazil, bem como todas as pessoas, cujo juizo é competente na materia, fazem a esta obra, desde que a conhecem pelo primeiro volume, não immerecidos elogios.

O que se tem dicto, porem, é pouco e fica mais áquem da realidade. Observamos até, com bastante pesar, que outras publicações (fallamos só das religiosas e das scientifico-religiosas) de merecimento muito somenos ao d'esta, parecem haver despertado muito mais a attenção, e merecido entre nós, logo a principio, mais interessado e sympathico acolhimento do publico.

Isto tem facil explicação.

Primeiramente, nos tempos que correm, está em mo/ta, por desgraça, descurar-se o estudo da Religião. Em segundo logar, muitos d'aquelles mesmos que não desprezam esse estudo, e se acham, pelo contrario, bem

compenetrados da necessidade d'elle, nem porisso deixam de estar eivados do espirito de leviandade e superficialidade, que é um dos pronunciados caracteres d'este seculo, e, por conseguinte, mesmo quando se tracte de estudar a mais necessaria e mais sublime das sciencias, preferem livros que lhes não cancem muito o espirito, pouco ou nada dispostos a arrostar com o peso e aridez de estudos serios e profundos.

Ora, a *Apologia do Christianismo* é uma obra que aprofunda todas as questões que tracta, mas não foi escripta para espiritos levianos.

A mais notavel das defezas da Religião Catholica, que tem apparecido n'este seculo, é ella, e é tambem a primeira obra d'este genero mais completa que pôde lêr-se na lingua portugueza; porem, se preenche todos os requisitos para satisfazer á intelligencia na indagação da verdade, obriga, todavia, o espirito a recolher-se e concentrar-se para estudal-a.

Se, em vista das duas razões expostas, as pessoas que hão de lêr e estudar a *Apologia* nunca serão muitas em relação ao numero de todas as que lêem e estudam, crêmos, ainda assim,—e mau signal seria succeder o contrario—que ella não tardará a ter um logar de preferencia na bibliotheca de todo o sacerdote, que não oblitera a obrigação, que lhe corre, de ser instruido e de procurar cada vez mais instruir-se na sciencia de seu ministerio, bem como na de todos os homens de sciencia, ou que procuram adquirir-a, e que não ignoram que é impossivel obterem-n'a solida e verdadeira, se desprezam a da Religião. Porisso esperamos que esta obra,—a publicação de maior alcance e mais importante, que ha muito tem saído de nossos prelos,—se tornará vulgar entre nós, e que á sua primeira edição se seguirão algumas mais. Deus o permita para bem da Religião e da sociedade!

O snr. Chardron prestou ao paiz um serviço relevante, editando a *Apologia*; mas quem se tornou verdadeiramente benemerito das letras patrias e da Religião foi o snr. conde de Samodães.

Que horas, que dias e dias de insano trabalho não representa a traducção dos cinco volumes d'esta obra? Que vastidão de conhecimentos theologicos, philosophicos e linguisticos não suppõe no eximio traductor a perfeição com que está feita?

Todavia, o snr. conde, que teve de destinar a este trabalho sómente os momentos, que lhe sobram da laboriosa administração de sua casa e da cuidadosa educação de seus filhos, não recebeu por elle, porque não quiz receber, remuneração alguma. Seu empenho foi sómente servir a Religião e o seu paiz com aquelle zelo e dedicação de que é capaz, e de que tem dado tão eloquentes provas.

Terminamos, fazendo ao editor um pedido. A obra não é cara, e está impressa em bom papel. A composição é compacta e nitida.

N'outro qualquer paiz, mesmo em França, não se poderia pôr á venda por menor preço, se tivermos tambem em vista o grande dispendio e empate de dinheiro, que importam as publicações de obras grandes.

Mas o nosso clero é pobre.

A revolução empobreceu-o, e, mesmo depois de empobrecel-o, não se julga dispensada de chamal-o avarento!

A revolução roubou-o e empobreceu-o! Empobreceu-o para desprestigial-o e difficuldar-lhe a instrucção, apodando-o depois de ignorante!

Porisso nós pedimos ao snr. Chardron um privilegio em favor do nosso clero,—e é a faculdade de todo o sacerdote e ordinando poderem comprar a obra por volume.

Esperamos que pelo menos será concedida esta vantagem aos ordinandos, pois podemos affirmar que não ha na Universidade ou nos cursos triennaes dos Seminarios alumno algum de merecimento, que não tenha adquirido a obra, ou não deseje adquiril-a, logo que lhe seja possível.

—*Cathecismo exemplificado* Este livro foi em tempo escripto e publicado pelo bispo de Tortosa, D. Miguel Pratmans. Depois publicou se no reino visinho uma outra edição, muito mais recente, revista e muito augmentada pelo padre José Mach, jesuita, já muito conhecido entre nós pela vulgarisação das suas principaes obras. A traducção portugueza do *Cathecismo exemplificado* é feita sobre esta ultima edição pelo sur. dr. Francisco Luiz de Seabra, parochó de Cacia.

Que diremos nós d'este livro? Poucas palayras: Diremos sómente que não deve familia alguma deixar de possuil-o, e de ensinar por elle a seus filhos e domesticos os rudimentos e o necessario conhecimento da Religião. Diremos apenas que este livro é o mais adequado que se tem publicado entre nós para servir de compendio de ensino religioso nas escolas de instrucção primaria e ainda em algumas da secundaria.

O dever está indicado: cumpram-n'o agora aquelles aos quaes toca cumpril-o.

Semeiem e trabalhem, se querem colher. Na falta de educação religiosa se encontra, em ultima analyse, a causa e a razão de todos os males que soffremos, temos soffrido e soffreremos ainda. Pelo mesmo motivo, só da educação religiosa da geração que começa e das que hão de vir é que pode esperar-se mais tarde o remedio para esses males: a que está parece disposta a levar-nos á republica: isto é, á anarchia e á desordem, e quem sabe se ficaremos ahí!

E. A.

MAXIMAS E PENSAMENTOS

223—Só Deus é o norte seguro nas bonanças e tempestades d'um mar tão incerto como o mundo.

224—Nas côrtes são tres os mais fortes inimigos que n'ellas fazem guerra: um se chama vêr, outro ouvir, outro fallar.

225—Não ha tributo mais pesado que o da morte, e comtudo todos o pagam, e ninguem se queixa, porque é tributo de todos: onde não ha privilegiados não ha queixosos.

226—Desenganemo-nos que todo este, que chamamos curso da vida, não é outra cousa senão o entretro de cada um: por signal, que quanto mais pompa, mais cruces.

227—Onde ha dous entendimentos, duas vontades, duas naturezas e duas pessoas differentes, não pôde haver união. Em Christo, por milagre da sabedoria e omnipotencia, ha duas naturezas, dous entendimentos e duas vontades, mas uma só pessoa. Na Santissima Trindade ha tres pessoas, mas todas entendem o mesmo e querem o mesmo; todas terem uma só natureza.